

Book Symposium

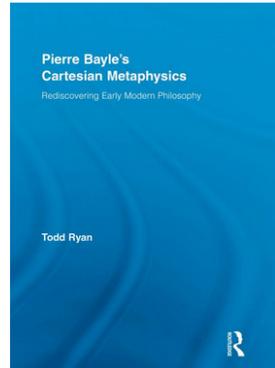
*PIERRE BAYLE'S CARTESIAN METAPHYSICS:
REDISCOVERING EARLY MODERN PHILOSOPHY*

Todd Ryan

London

Editora: Routledge

2009



Algumas perguntas sobre o artigo “Espinosa” de Bayle

Plínio Junqueira Smith

(Unifesp, CNPq, Fapesp)

Todd Ryan dedica um capítulo inteiro à interpretação e discussão que Bayle faz de Espinosa. A meu ver, esse capítulo é menos interessante do que outros e, por isso, eu gostaria de levantar algumas questões para que Todd possa completar algumas de suas análises e aprofundar algumas ideias. Embora seja o maior artigo do *Dicionário* e bastante complexo em alguns pontos, Todd restringe seu interesse a extrair, de umas poucas observações (na verdade, praticamente só da observação N), alguns elementos de uma metafísica cartesiana. As questões suscitadas por esse artigo são, no entanto, bem mais profundas.

Parece-me que Todd interpreta de maneira correta o que Bayle diz nessas observações. A esse respeito, de um modo geral, seu livro é muito cuidadoso: ao atentar para os detalhes das argumentações, acaba por revelar ao leitor certas concepções aceitas por Bayle que, de outro modo, poderiam passar despercebidas e, aos poucos, capítulo após capítulo, vai construindo uma interpretação de Bayle que apresenta o filósofo como tendo uma metafísica bastante articulada, complexa e, às vezes, original, seja nas suas teses, seja nos seus argumentos. Sua leitura desse artigo tem por finalidade contribuir com mais alguns elementos para essa metafísica bayleana.

Entretanto, até que ponto essas considerações de Bayle permitem, de fato, atribuir-lhe o que ele afirma na observação N? Bayle costuma argumentar nas mais diversas direções, levantando problemas em todas as teorias que examina. Nem sempre, entretanto, suas objeções correspondem ao que ele mesmo pensa. Por exemplo, nos artigos dedicados ao problema do mal (especialmente, “Maniqueístas”), Bayle argumenta em defesa da existência de dois princípios. Naturalmente, não se trata de dizer que Bayle é um maniqueísta. Às

vezes, Bayle usa o expediente de inventar personagens ou de recorrer a algum tipo de ficção (como, no caso do mal, a de Zoroastro e, no do ceticismo, “Pirro”, a dos dois abades) para expor uma ideia. E, não raro, essa ideia é atribuída ao próprio Bayle. Noutros casos (como, por exemplo, em “Nicole” e “Pellison”), Bayle usa um teólogo contra outro, aparentemente aceitando as duas críticas, mas sem aceitar as defesas a essas críticas. Assim, nem sempre fica claro quando Bayle se compromete com as ideias expostas, muitas vezes fazendo um uso meramente dialético das ideias veiculadas no artigo, isto é, usando-as mais para destruir uma teoria alheia (filosófica ou teológica) do que para construir sua própria teoria. A primeira questão, então, é: como saber quando Bayle argumenta em nome próprio e quando ele argumenta dialeticamente, apenas para destruir uma teoria? Em particular, por que essas considerações metafísicas na observação N correspondem ao que Bayle efetivamente pensa e não fazem parte de um pensamento eminentemente crítico e destrutivo?

Uma segunda questão é a seguinte. Todd procura identificar e analisar uma metafísica cartesiana, de linha malebranchiana, no pensamento de Bayle. Essa é, com efeito, a sua principal intenção. Mas, não raro (por exemplo, essa é a opinião de Leibniz), a filosofia de Espinosa é vista como o coroamento da filosofia cartesiana ou como o cartesianismo mais coerente e levado às suas últimas consequências. Aparentemente, então, Bayle não compartilharia dessa opinião de Leibniz, já que, a seu ver, o cartesianismo precisa das correções e melhorias propostas por Malebranche, devendo afastar-se do espinosismo.

Acrescente-se a isso o fato de que Bayle foi criticado por não haver entendido Espinosa já em vida e escreveu mais algumas observações não desprovidas de interesse, pois, de um lado, ele parece aceitar que pode não tê-lo entendido adequadamente (mas, nesse caso, no entender de Bayle, a culpa seria do próprio Espinosa, por manter as palavras e trocar seus sentidos sem advertir o leitor) e, de outro, parece sustentar que, se se devem manter aqueles sentidos, então a doutrina de Espinosa comete uma série de falácias. Poder-se-ia, então, dizer que a filosofia de Espinosa, se fiel ao cartesianismo (ao menos, aos significados cartesiano dos termos), conduz a absurdos, mas, se infiel, então está livre ao menos dessas críticas?

Qual, então, a relação exata entre as filosofias de Descartes e Espinosa aos olhos de Bayle? Seria a filosofia de Espinosa o desenvolvimento lógico da de Descartes? Seria uma distorção? Em que ponto Espinosa romperia com Descartes, tornando a filosofia cartesiana algo inaceitável? Ou Espinosa sequer seria um filósofo cartesiano para Bayle? Eis uma série de questões interessantes sobre a quais Todd nada disse.

Embora faça algumas referências às interpretações que procuram relacionar Bayle a Espinosa, também a esse respeito o leitor fica curioso e gostaria de ver comentários mais longamente tecidos. É certo que Todd procura defender Bayle da acusação de ter compreendido Espinosa muito mal. Segundo Todd, mesmo que tenha entendido mal, Bayle suscitou uma discussão que continua até nossos dias entre os especialistas da filosofia de Espinosa, de forma que tocou num ponto importante, abrindo uma interpretação ainda

defendida por alguns e que exige, dos que defendem uma interpretação diferente e talvez mais adequada, uma minuciosa argumentação. Mas Todd não vai muito além disso. Claro, não era seu interesse ir muito além disso, pois, como já foi dito, seu interesse residia somente em identificar e extrair os elementos de uma metafísica bayleana. No entanto, cabe perguntar-lhe, para que ele desenvolva mais a fundo, alguns pontos.

Primeiro, em sua interpretação, Todd concentra-se nos aspectos puramente metafísicos do artigo “Espinosa”. No entanto, é certo que Bayle interessava-se também pela vida dos filósofos, não apenas por suas teorias. Mais do que isso, Bayle interessava-se pela relação entre essa vida e a teoria que lhe estava associada. É justamente nessa relação entre a vida de Espinosa e a filosofia de Espinosa que reside um dos pontos mais interessantes do artigo, já que um homem tão virtuoso poderia produzir uma teoria, na concepção de Bayle, tão monstruosa. A questão que eu gostaria de Todd responder é: há algum significado filosófico nesse contraste? O que Bayle estaria dizendo ao demorar-se mais do que a respeito de qualquer outro pensador nessa contradição entre o homem e o pensamento, entre a vida e a teoria?

Diante dessa disparidade entre a vida e a teoria, produziram-se diferentes interpretações que tentaram apagar esse contraste. Eu gostaria que Todd tecesse comentários sobre essas diferentes interpretações. Darei dois breves exemplos. A primeira tenta aproximar a vida e a pessoa da teoria: o ateísmo de Espinosa não seria monstruoso, mas, no fundo, seria a filosofia preferida de Bayle, a partir da qual este elaboraria um materialismo ateu próprio. Assim, haveria um resgate do materialismo ateu e não haveria nenhuma disparidade entre vida e obra. A segunda procede de maneira rigorosamente inversa: assim como se condena a obra de Espinosa, também se condenaria a pessoa.

De um lado, Mori (1999), num livro indispensável para os estudos sobre Bayle, sustentou que Bayle tinha um profundo interesse, não apenas pela pessoa virtuosa, como também pela filosofia de Espinosa. De fato, de acordo com Mori, Bayle foi paulatinamente se aproximando do materialismo e, no *Dicionário*, se não era ainda um materialista, pelo menos já manifestava forte simpatia por essa doutrina, que esposaria (segundo essa interpretação) em sua última obra. Mori viu, no desenvolvimento do pensamento de Bayle, um progressivo afastamento do malebranchismo (1999, cap. 3) e contínua aproximação do espinosismo (1999, cap. 4). Mori surpreende, assim, seu leitor, ao inverter a interpretação tradicional, que vê em Espinosa o “inimigo principal” (1999, p. 155) de Bayle. No entanto, diz Mori, “a relação de Bayle a Espinosa está longe de ser unívoca” (1999, p. 155). Após mostrar que os argumentos contidos no artigo “Espinosa” não são originais, Mori investiga as motivações e a gênese do espinosismo. Segundo Mori (1999, p. 171), “Bayle mostrou que o itinerário especulativo de Espinosa estava longe de ser arbitrário. Espinosa, com efeito, tentou resolver como filósofo as enormes dificuldades do sistema ortodoxo.” Mesmo sem aderir à solução espinosista, Bayle veria algumas influências positivas da filosofia de Espinosa. Espinosa teria mostrado, por um lado, que “nós nos cremos livres somente porque não conhecemos as causas que nos

determinam” (1999, p. 174) e, por outro, como é possível a responsabilidade humana num contexto determinista, evitando as consequências terríveis do determinismo sobre o plano moral (1999, p. 175). Ainda segundo Mori (1999, p. 180), “Bayle não se cansa de sublinhar diversas vezes essa coerência inatacável de Espinosa”. Sua conclusão é a de que “somente o determinismo espinosista é coerente e desprovido de pontos fracos, filosoficamente falando” (1999, p. 181). Finalmente, Mori (1999, p. 181-188) procura mostrar que Bayle não prefere a tese cristã à tese atea de Espinosa. No artigo “Espinosa”, veríamos nascer “um ateísmo novo, ao mesmo tempo mais modesto e mais defensável” (1999, p. 188).

A partir dessa interpretação de Mori, surgem algumas perguntas para Todd: Seria a filosofia de Espinosa uma forma de materialismo, um materialismo plenista de uma única substância? E, por trás de tantas críticas a essa doutrina, teria Bayle alguma simpatia com a filosofia de Espinosa? Qual o papel da filosofia de Espinosa para o pensamento de Bayle: somente um alvo a ser criticado? Ou, antes, seria um alvo somente para que Bayle desenvolva suas próprias reflexões? Ou, finalmente, como quer Mori, uma filosofia pela qual Bayle nutre simpatias, incorpora alguns resultados e a partir da qual formula um materialismo ateu original?

De outro lado, Chauí (2009), numa interpretação inteiramente oposta, sustentou que Bayle não estaria somente criticando a filosofia de Espinosa, mas estaria condenando o próprio Espinosa. Tal como na interpretação anterior (mas aparentemente sem conhecê-la), também esta suprime a diferença entre a atitude de Bayle para com a pessoa e para com a doutrina; curiosamente, em sentido contrário. Dessa forma, o artigo “Espinosa” não ressaltaria o contraste entre a vida e a filosofia de Espinosa, mas testemunharia uma condenação de ambas. Para Chauí, o artigo “Espinosa” seria uma peça judiciária em que Bayle investiga a causa do ateísmo de Espinosa, expõe e refuta o espinosismo e, finalmente, o condena intelectual e moralmente. A condenação de Espinosa baseia-se sobretudo na consideração de sua saúde mental: “Bayle pode, então, pronunciar o veredito que será aceito por todo homem de bem: Espinosa é confuso porque incoerente; incoerente porque extravagante; extravagante porque louco furioso.” (2009, p. 333) A conclusão de Chauí (2009, p. 334) é a de que, se Bayle “quase” inocenta Espinosa, é somente “graças ao diagnóstico de insanidade permanente, que inutiliza sua obra e explica a fraqueza do *more geométrico*.”

A partir dessa interpretação, pode-se perguntar a Todd: há, de fato, uma condenação da doutrina intelectual e da pessoa moral de Espinosa? Qual a relação exata entre o filósofo e sua filosofia? O artigo “Espinosa” consiste numa condenação de ambos ou só de sua filosofia? Até que ponto, para Bayle, haveria uma condenação da pessoa por meio da condenação de sua teoria?

Talvez caiba colocar essa questão de maneira mais geral para o pensamento de Bayle. Antony McKenna publicou uma seleção de artigos do *Dicionário*, nos quais Bayle tratava de seus contemporâneos. Na leitura seguida desses artigos selecionados, com frequência a impressão que se tem é que Bayle tende mais a entender, como um historiador, a vida

e as crenças dos personagens tratados, do que condená-los; e, mesmo quando há críticas (pois o *Dicionário* é também crítico), Bayle tende a condenar a perseguição que sofreram. Eu gostaria de perguntar a Todd: essa impressão é correta? Os artigos de Bayle sobre seus contemporâneos é antes uma defesa da tolerância do que uma acusação que justificaria as perseguições impetradas a muitos deles?

Referências Bibliográficas

- Mori, G. (1999) *Bayle philosophe*, Paris: Honoré Champion.
- McKenna, A. (2001) *Pierre Bayle, témoin et conscience de son temps*, Paris: Honoré Champion.
- Chauí, M. (2009) “A estrutura retórica do verbete *Espinosa*”, *Kriterion*, 120, Belo Horizonte: UFMG, julho a dezembro de 2009, p. 313-334.